Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018

A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas

Onomastics in Different Perspectives: Research Results

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
candidaseabra@gmail.com

Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul / Brasil
aparecida.isquerdo@gmail.com

A Onomástica se integra à Lexicologia, caracterizando-se como uma disciplina da linguagem que possui duas áreas de estudo: a Antroponímia e a Toponímia. Ambas têm como objeto de pesquisa o nome próprio: a primeira, a Antroponímia, trata dos nomes das pessoas – os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos. Já a segunda, a Toponímia, se integra à Onomástica como a área que investiga o léxico toponímico, por meio do estudo da motivação e origem dos nomes próprios de lugares.

Os estudos onomásticos remetem ao nosso passado, a nossas origens, por isso despertam, desde sempre, a curiosidade não só de estudiosos, mas de todas as pessoas em geral. Ultrapassando a mera função nomenclatória, os nomes de pessoas e os nomes de lugares são produtos de um sistema de denominação que reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores. Embora nos pareçam familiares porque os conhecemos e deles, habitualmente,

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.26.3.993-1000

fazemos uso, quando paramos para pensar sobre a natureza dos nomes próprios de pessoas e lugares, nos damos conta de que, quase sempre, são de significados incompreensíveis, estranhos para nós, mesmo designando pessoas e lugares conhecidos.

Isso ocorre porque em Onomástica a função referencial, seja ela voltada para o nome de pessoa ou para o nome de lugar é a que se destaca; "já o seu sentido nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante, principalmente se é um topônimo muito antigo, que vem se mantendo na língua, atravessando gerações" (SEABRA, 2006, p. 1956). Por se tratar de estudos que envolvem a função referencial ou denotativa da linguagem, não se pode falar em Onomástica – Toponímia e Antroponímia – sem se esbarrar na função primeira desses signos linguísticos que é a referência, nem, tampouco, deixar de estudar a função simbólica ou representativa que eles sustentam, isto é, a vinculação do significado de um nome a uma determinada pessoa ou localidade implica necessariamente a pergunta sobre o que ele simboliza, o que representa ou denomina.

Como a Onomástica nos traz valiosas informações que podem ser utilizadas em diversas áreas do conhecimento humano, sublinhamos o fato de que essa disciplina linguística tem um caráter interdisciplinar, interessando não só à ciência linguística, como, também, a outras ciências, cabendo destacar a História, a Geografia, a Arqueologia, a Genealogia, a História Social e a Cartografia que se utilizam de informações proporcionadas pelas pesquisas antroponímicas e toponímicas, o que é uma mostra suficiente da riqueza e importância da área.

Em se tratando das definições dos termos Toponímia e Antroponímia, em 1928, Leite de Vasconcelos estabelecia conceitos e classificações acerca da ciência do nome próprio no seu manual Antroponímia Portuguesa, em que se ocupa dos antropônimos de Portugal desde a Idade Média. Sobre o termo "Antroponímia", o autor já o havia proposto e empregado em 1887, na Revista Lusitana. No manual de 1928, destaca:

> Temos como se vê, muitas espécies de "nomes próprios". A secção da Glotologia que trata d'eles (origem, razão de emprego, forma, evolução,etc.), convieram os filólogos em a designar por "Onomatologia", que, de acordo com aquelas espécies, deverá decompor-se em três disciplinas secundárias: 1) Estudo de nomes locais, ou "Toponímia", na qual se inclui igualmente o elemento

> líquido (rios, lagos, etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos que dão freqüentemente nomes a sítios (a "Toponímia" é pois Onomatologia geográfica). 2) Estudo dos nomes de pessoas, ou "Antroponímia", expressão que o autor pela primeira vez propôs e empregou em 1887, na "Revista Lusitana", I, 45. 3) Estudo de vários outros nomes próprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: "Panteonímia" (de pantóios, que quer dizer "de toda a espécie", "variado"). No estudo dos nomes de seres sobrenatuais nada nos impede de chamar "Teonímia" (Theonymia) ao dos nomes de deuses. (LEITE DE VASCONCELOS, 1928, p. 2)

Mas são as definições dadas, em 1951, por Dauzat (que concebe a Antroponímia e a Toponímia como ciência), que têm orientado muitos dos estudos atuais sobre a questão do nome. Segundo esse linguista, "Antroponímia é a ciência dos nomes de pessoas (antropônimo, nome de pessoa); Toponímia, a ciência dos nomes de lugares (topônimo, nome de lugar). E a Onomástica, a união destas duas ciências (termo empregado, às vezes erroneamente, como sinônimo de Antroponímia)".

Em 2011, foi criada uma lista de termos onomásticos importantes, recomendados pelo International Congresso of Onomastic Sciences (ICOS 2011): Toponomástica e Antroponomástica (HOUGH, 2016, p. 3) – as duas áreas da Onomástica, termos que hoje já podem ser encontrados em diversos trabalhos de pesquisas no Brasil e no exterior, convivendo com os tradicionais termos Toponímia e Antroponímia.

Nesses primeiros anos do século XX, os estudos onomásticos no Brasil vêm se destacando, sobretudo, em pesquisas ligadas a diferentes Programas de Pós-Graduação. Antes, tais pesquisas se concentravam na Universidade de São Paulo, integradas aos estudos linguísticos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), tendo como foco os estudos toponímicos, privilegiando os nomes de origem indígena. Esses estudos tiveram início com o Professor Carlos Drumond, quando publicou, em 1965, sua tese de Livre-Docência – *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasílica.* De acordo com esse estudioso, no Brasil, "a maior parte das pesquisas toponímicas era feita amadoristicamente, sem os rigores de uma metodologia apropriada." (DICK, 1990, p. 11). Não ignorando essa situação, incentivou e orientou a Profa. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP) a estudar e a pesquisar a Toponímia do Brasil, resultando em sua Tese de Doutorado, um trabalho científico

que legou aos estudos toponímicos os "princípios teóricos e modelos taxeonômicos" para o estudo dos nomes de lugares do Brasil.

Dick incentivou muitos pesquisadores a trabalhar com seu modelo no Brasil. Foi, assim, em cada Universidade, com o apoio de Dick, mas com variações regionais, crescendo as pesquisas toponímicas nas várias regiões brasileiras, em especial no Sudeste e no Centro-Oeste. Em se tratando das pesquisas antroponímicas, não há, ainda, em nosso país, grupos de pesquisas tão coesos, apenas alguns nichos em estado embrionário.

1. Sobre os artigos deste número temático.

Este volume traz 11 artigos que discutem resultados de pesquisas desenvolvidos por linguistas de diferentes universidades brasileiras, portuguesa e alemã, que se dedicam a investigações acerca de questões relativas à Onomástica, no âmbito da Toponímia/Toponomástica e da Antroponímia/Antroponomástica.

1.1 A Toponímia/Toponomástica

Como já anteriormente assinalado, a Toponímia/Toponomástica é uma área interdisciplinar, o que ficou evidenciado nos artigos publicados neste número temático da Revista RELIN. Iniciando a publicação, o artigo de Rodrigo Vieira do Nascimento, Karylleila dos Santos Andrade e Carolina Machado Rocha Busch Pereira, todos da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Palmas – Tocantins/Brasil, discutem pontos de interlocução entre Toponímia e Geografia Cultural, no âmbito da interdisciplinaridade, utilizando-se de uma abordagem de análise metodológica qualitativa e de caráter bibliográfico.

Na sequência, Letícia Santos Rodrigues, da Universidade de São Paulo, São Paulo/Brasil apresenta um estudo etimológico de topônimos latino-americanos, mais especificamente, dos topônimos referentes aos nomes dos países que compõem a América Latina, sob o esteio metodológico da Etimologia. Para tanto, pauta-se na consulta a diferentes dicionários etimológicos, além de outros materiais de apoio. Percebe-se que as razões relacionadas às escolhas dos topônimos analisados foram diversas, tais como aspectos físicos/geográficos e/ou culturais,

personalidades históricas, religião e, às vezes, até motivações ainda desconhecidas.

O terceiro artigo, intitulado *Estratigrafia linguística da hidrotoponímia de Portugal continental*, assinado por Carlos Rocha, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa/Portugal insere-se na história da onomástica portuguesa, tendo como objetivos: (1) definir os limites do inquérito linguístico na análise etimológica dos hidrotopônimos de Portugal continental; (2) enquadrar na discussão da estratigrafia linguística a caracterização nacional e regional do hidrotopônimos. Com a finalidade de contribuir criticamente para a recuperação da Etimologia como disciplina mais atuante no contexto dos domínios da História da Língua e da Linguística Histórica, o autor retoma uma linha de investigação que remonta a trabalhos desenvolvidos não só por autores portugueses clássicos, como, também, pelas propostas de pesquisadores contemporâneos. A conclusão do estudo demonstrou que a hidrotoponímia de Portugal continental tem origem maioritária em itens do léxico comum latinoromance, embora conserve um importante património pré-latino, contando, ainda, com interferência lexical, morfológica e fonológica do árabe.

Estudando a hidronímia do Brasil, Ana Claudia Castiglioni, da Universidade Federal do Tocantins, *campus* Araguaína, Tocantins/Brasil, partindo de um repertório de topônimos, obtidos no banco de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS, que denominam elementos geográficos referentes a diferentes tipos de correntes hídricas como água, arroio, baía, cabeceira, cabo, cachoeira, canal, catarata, corixão, corixo, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta, propõe modelos de microestrutura para verbetes toponímicos, tendo como suporte teórico os pressupostos da Toponímia e da Terminologia.

A toponímia religiosa em nomes de municípios do estado de Minas Gerais/Brasil é o tema do artigo de Ana Paula Mendes Alves de Carvalho, docente do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Branco, que teve por objetivo apresentar resultados de um estudo toponímico dos nomes dos 853 municípios de Minas Gerais. Após análise sincrônica e diacrônica, a pesquisadora apresenta casos de variações, mudanças e retenções no léxico religioso toponímico.

O sexto artigo que integra esta publicação, intitulado *Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade*

de Ponte Nova – Minas Gerais, de Glauciane da Conceição dos Santos Faria, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/Brasil, contribui com os estudos toponímicos sugerindo uma nova proposta de classificação para a taxe do antropotopônimos, utilizando como *corpus* 410 antropotopônimos que nomeiam logradouros urbanos da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais.

Os artigos publicados nesse primeiro bloco de trabalhos evidenciam diferentes perspectivas de estudo da toponímia, à medida que exploram dados representativos da macrotoponímia (nomes de países da América Latina e nomes dos municípios mineiros); da microtoponímia rural (hidrotoponímia de Portugal continental e topônimos que nomeiam correntes hídricas de Mato Grosso do Sul) e da microtoponímia urbana (nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova/Minas Gerais), além de uma abordagem transdisciplinar dos estudos toponímicos (toponímia do Tocantins).

1.2 A Antroponímia/Antroponomástica

Este número da revista traz também cinco artigos que procuram ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a Antroponímia.

Para começar, o artigo escrito por Tereza Tayná Coutinho Lopes e Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira, ambas da Universidade Federal do Pará, Belém, Pará/Brasil, intitulado *Onomástica Parkatêjê: aspectos semânticos dos nomes próprios de pessoas*, discute fenômenos semânticos específicos, presentes na constituição dos antropônimos na língua Parkatêjê, que refletem conhecimentos culturais, valores e pensamentos dessa etnia.

Between Languages and Cultures: an Exploratory Comparative Study of Usage of Lithuanian é o segundo artigo que versa sobre estudos antroponímicos dentre os publicados neste número temático da RELIN, escrito por Márcia Sipavicius Seide, da Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon/Cascavel, Paraná/Brasil e por Lolita Petrulionė, da Šiauliai University, Šiauliai/Lituânia. É um estudo que analisa os usos de prenomes masculinos na Lituânia e no Brasil mediante um estudo exploratório comparativo baseado em dados estatísticos disponíveis em sites institucionais de cada país. Os resultados da pesquisa confirmaram a existência de nomes equivalentes em ambos os países.

Esses são nomes cristãos cujo uso foi influenciado pelo Catolicismo, religião predominante nos dois países.

Na sequência o artigo *A alcunha galego no português de Santa Catarina: o que revelam os dados do ALERS* retoma a figura dos galegos no folclore luso-brasileiro ao descrever o uso da alcunha galego no português falado no Estado de Santa Catarina/SC, no sul do Brasil. Esse artigo foi escrito por quatro autores: Fernando Hélio Tavares de Barros, da Universidade Chistian-Albrechts de Kiel (CAU), Kiel, Schleswig-Holstein/Alemanha; Lucas Löff Machado, da Universidade Católica de Eichstätt e Ingolstadt (KU), Eichstätt, Baviera/Alemanha; Grasiela Veloso dos Santos Heidmann, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso/Brasil e Neusa Inês Philippsen, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Campus Sinop), Sinop, Mato Grosso/Brasil/Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo/Brasil.

O quarto artigo, assinado por Kleber Eckert e Maiquel Röhrig, ambos vinculados ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul/Brasil, trata da *Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de Vidas Secas e de São Bernardo*. O objetivo central do texto é a análise etimológica e simbólica dos nomes dos principais personagens dos romances Vidas Secas e São Bernardo, a fim de verificar se existe uma relação entre o significado do nome e o comportamento ou as características físicas dos personagens desses romances.

O número temático da revista se encerra com o artigo de Natival Almeida Simões Neto, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia/Brasil e de Juliana Soledade, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia/Universidade de Brasília, Brasília, DF/Brasil que propõem uma análise de nomes masculinos terminados em -son tomando por base a lista de aprovados dos vestibulares de 2016 e 2017 da Universidade do Estado da Bahia. O artigo, intitulado *Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional,* analisa a trajetória do formativo –son na criação de antropônimos no Brasil.

A exemplo do conjunto de textos que versaram sobre a toponímia, os voltados para a antroponímia também focalizam um leque distinto de abordagens como o estudo de *antropônimos* na língua Parkatêjê; os usos de *prenomes masculinos* na Lituânia e no Brasil; a *alcunha* galego

no português falado no Estado de Santa Catarina; a análise etimológica e simbólica dos *nomes* dos principais *personagens* dos romances Vidas Secas e São Bernardo e a trajetória do *formativo –son* na criação de *antropônimos* no Brasil.

Como pode ser observado pelo leitor, os artigos aqui apresentados procuram ampliar e aprofundar o conhecimento sobre os estudos toponímicos e antroponímicos, confirmando, por meio de estudos empíricos, que a Onomástica é uma área que envolve não só aspectos linguísticos, mas que também procura relacionar os nomes de lugar e de pessoa a fatores socioculturais, históricos e ideológicos. Tem-se, por fim, a expectativa de que este número temático da Revista RELIN para além de divulgar resultados de pesquisas orientadas pelos constructos teóricos das disciplinas Toponímia/Toponomástica e Antroponímia/Antroponomástica, possa estimular novas pesquisas na área.

Referências

LEITE DE VASCONCELOS, J. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

DAUZAT, A. *Dictionnaire Étymologique des Noms de Famille et Prénoms de France*. Paris: Larousse, 1951.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

HOUGH, Carole. *Names and Naming.* Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2016.

SEABRA, M. C. T. C. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, J. S. de; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em linguística*: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL). Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.